

DISCURSO E RELAÇÕES DE GÊNERO: RESISTÊNCIA E CONSTRUÇÃO DE OUTROS SENTIDOS

Vera Lúcia Pires
Universidade Federal de Santa Maria

Introdução

Ensinar pessoas comuns a ler e a interpretar o mundo e nesse gesto aprender com esses sujeitos como a palavra aprendida pode ser um canto de rebeldia. Pois ler é construir sentidos, estabelecendo uma relação de diálogo com o mundo, ou seja, como ensinava Paulo Freire ao longo de sua obra, aprender a ler a palavra sem deixar de ler o mundo.

Eis a questão deste trabalho: interpretar pela palavra as possibilidades de sentido presentes nos discursos dos indivíduos. Em seu cerne, *a ambigüidade fundamental da palavra de ordem mais que centenária “aprender a ler e a escrever”*, remetendo a um só tempo à **apreensão de um sentido unívoco** e ao **trabalho sobre a plurivocidade do sentido** (Pêcheux, 1982: 59).

Este trabalho pretende ser um exercício de reflexão, circunscrevendo as áreas de conhecimento das teorias culturais de gênero, teoria dialógica da enunciação e análise de discurso francesa. Apesar de ter suas fronteiras estabelecidas na margem dessas áreas diversificadas, optou-se por tomar como principal parâmetro princípios humanistas e materialistas que afirmam o ser humano como um conjunto de relações sociais, inserido na história.

A palavra não existe isoladamente, ela é solidária, envolve-se com outras. Seu sentido só é no mundo, em contexto; isso explica a necessidade de práticas interpretativas dos discursos circulantes, uma vez que o discurso, como um processo de representação da realidade, não é transparente. A língua não é um decalque da realidade (Benveniste, 1974), exigindo interpretações.

Nossa busca é pela constituição da identidade do sujeito feminino, representada na configuração de sua imagem via discurso publicitário da mídia impressa. Os efeitos diversos, ali produzidos, apontam tanto para a homogeneidade quanto para a heterogeneidade.

Embora saibamos que a luta das mulheres em busca de mudanças na sua posição social tenha provocado a mais significativa revolução cultural do século XX, a contradição existente entre a posição alcançada por elas na sociedade contemporânea e sua respectiva representação, faz-se presente em quase todas as áreas sociais como um reflexo das relações de gênero, relações de desigualdade entre os seres humanos, construídas socialmente, e determinadas histórica e culturalmente.

A condição da mulher é representada discursivamente, refletindo uma visão conservadora e discriminatória que engendra formas de silenciamento e exclusão, tais como as observadas no discurso publicitário sobre a mulher, definido por nós como uma forma de *discurso de gênero*.

1 A tensão entre o mesmo e o outro

A realidade não é transparente, portanto o discurso não pode representá-la como uma evidência. Não há evidências empíricas, senão opacidades. O sujeito constrói seus discursos, baseado em interpretações cujos sentidos, longe de traduzir uma relação cristalina com o significante, corroboram a ambivalência e os aspectos contraditórios existentes em sua realidade e no próprio sujeito, porque a história intervém.

O discurso, por ser uma prática social em que se confrontam questões ideológicas fortemente enraizadas em fatores histórico-culturais, representa tanto o movimento de aprisionar e unificar o sentido em uma forma significante literal, imediata e “natural”, reprimindo o jogo da língua e dos sentidos - e com isso facilitando, por exemplo, a manutenção de relações assimétricas de poder – como o movimento contrário, de rompimento com o estabilizado, promovendo o divórcio entre o enunciado e seu conteúdo expressivo habitual.

Inovando todos os estudos sobre a questão da pluralidade semântica das palavras nos discursos, Bakhtin (1963) analisa a *vida da palavra, sua passagem de um locutor a outro, de um contexto a outro, de uma coletividade social, de uma geração a outra*, vendo-as como *unidade migratória* entre discursos, sem se desvincularem jamais de seu trajeto interdiscursivo anterior. Como conseqüência, o espaço da subjetividade na linguagem é um espaço tenso. O processo interativo da enunciação evidencia essa tensão constante que constitui os sujeitos e os sentidos, pois há sujeitos-vozes e sentidos em conflito na memória discursiva.

Estabelece-se o conflito porque há um pensamento já existente, anterior ao sujeito, e que não coincide completamente com o que ele produz ou interpreta no momento presente. Existe uma dimensão de incompletude de sentidos que intercepta qualquer pretensão de dar uma interpretação final. Há leituras e interpretações múltiplas que impossibilitam o fechamento do discurso como representação acabada.

A tensão dialética é uma das características principais do signo lingüístico para Bakhtin (1979). Nele habitam, concomitantemente, traços de valor contraditórios que produzem sentidos diversos, mesmo antagônicos, por refletirem não passivamente, mas de modo polêmico, o sujeito e seu horizonte social. Nos discursos do cotidiano, os sentidos arraigados podem ser transfigurados pela intervenção da experiência histórica dos sujeitos. Da mesma forma, Pêcheux (1983) inscreve essa possibilidade de transformação semântica nos dizeres cotidianos, que podem tornar-se diversos de si.

Existe um horizonte de memória como elemento histórico-cultural que é de suma importância no resgate de traços anteriores de processos discursivos, em que a língua e a história teceram seu jogo a fim de construir um sentido fixo para aquele momento específico, mas que sempre pode se transformar em outro pela intervenção de outros processos discursivos de outros momentos históricos.

Nosso trabalho de análise, no nível do intradiscurso¹, deverá mostrar precisamente como essa aparente homogeneidade lingüística linear é rompida pelo acontecimento discursivo que subverte os sentidos “sempre-já” presentes. O interdiscurso², esse não dito que significa a presença de discursos-outros, deixa seus sinais materialmente, via pré-construído, no interior de nosso dizer.

Conforme Todorov (1981), Bakhtin esboçou uma nova interpretação da cultura que a coloca como uma composição de discursos *que retêm a memória coletiva* e em relação aos quais é necessária uma tomada de posição. É essa interação dialógica e opinante que gera movimento e transformações, afastando do sujeito o assujeitamento.

Derivado do princípio da relação dialógica polêmica, estabelecido pelo sujeito produtor de discursos em um contexto social, Bakhtin instituiu um método para seu trabalho que, segundo Todorov (ibid.), seria a interpretação ou a *compreensão responsiva ativa*.

Toda compreensão é um processo ativo e dialógico, portanto tenso, que traz em seu cerne uma resposta, já que implica sujeitos. O ser humano, juntamente com seu discurso, sempre presume destinatários e suas respostas. A compreensão de um *enunciado vivo* é sempre prenhe de respostas (Bakhtin, 1979). *A cada palavra da enunciação que estamos em*

¹ O intradiscurso é o fio linear dos elementos lingüísticos do discurso.

² *Interdiscurso* é um termo da Análise de Discurso francesa que refere à memória histórica do dizer, que tece todos os discursos. Eles serão, portanto, sempre *habitados*, ocupados pelas palavras dos outros.

processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. (Bakhtin, 1929: 132). O sujeito que produz um discurso não quer uma compreensão passiva que somente levaria à repetição de seu pensamento, mas almeja respostas que evidenciem adesão, concordância ou, contrariamente, objeção às idéias expostas.

O trabalho com os sentidos nos enunciados pode transgredir e subverter aqueles sentidos arraigados e instaurar outros. O enunciado não é puro reflexo do que existe fora dele. Ele sempre cria algo que, antes de seu acontecimento, não existia, algo novo e irreproduzível relacionado ao elemento axiológico. Dialeticamente, entretanto,

*qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que é já concluído em sua visão do mundo, etc.). O **dado** se transfigura no **criado**.* (Bakhtin, 1979: 348)

Mesmo havendo uma tentativa de reprodução, releitura e até citação, o enunciado será uma recriação, uma singularidade, visto que produzido por um outro sujeito, em um outro momento. *O acontecimento na vida do texto, seu ser autêntico, sempre sucede nas fronteiras de **duas consciências, de dois sujeitos*** (Bakhtin, id.: 333). O enunciado manifesta a *história do pensamento* em direção ao pensamento e ao sentido dos outros.

Os discursos do cotidiano caracterizam-se por esse estreito e íntimo encontro com o outro e com a situação vivenciada, em nível de igualdade entre os sujeitos, o que os torna um campo privilegiado para o estudo da relação entre os parceiros discursivos, de sua relação com o próprio mundo e da constituição das heterogeneidades de seus discursos. O fato de neles melhor se observar a importância da situação extraverbal para a constituição do sentido, facilita a percepção e a apreensão de acontecimentos discursivos. É esse movimento dinâmico de *práticas linguageiras* plurais da vida cotidiana que é capaz de romper o aprisionamento do sentido no signo lingüístico, libertando-o para novos significados.

Assim como Bakhtin, de Certeau (1980) realiza uma análise da recepção de aspectos culturais, questionando precisamente a passividade do ato leitor da/na cultura contemporânea, não o vendo como uma mera recepção, sem demarcação ou reconstrução do lugar do sujeito. O processo de leitura e interpretação é um efeito da própria construção de quem interpreta. *Um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido* (de Certeau, 1980: 264). A atividade leitora destaca os textos de sua origem, re-organiza seus fragmentos, permitindo a pluralidade de significações.

Seguindo o raciocínio de de Certeau, o sujeito não tem um lugar fixo, senão transita entre vários textos, associando-os a outros, adormecidos, que ele *desperta e habita*. Como consequência, o sujeito rompe com a ordem do texto da mesma maneira como escapa à ordem social.

A configuração da cultura como fator de resistência passa pela afirmação da experiência (o exercício do fazer) cotidiana, por mais que ela nos pareça ser a exaltação da continuidade. A discussão que se faz necessária é a das experiências e práticas (discursivas) cotidianas, registradas em lugares variados e com diferentes pessoas. De Certeau (1974) alerta-nos para a posição do pesquisador, ao analisar fatores culturais, que acompanha as particularidades de **seu** próprio lugar. Entretanto, *nunca podemos obliterar nem transpor a alteridade que mantém, diante e fora de nós, as experiências e as observações ancoradas alhures, em **outros lugares*** (de Certeau, 1974: 222). É imprescindível reconhecer a existência dessa alteridade, introduzindo a diferença, a pluralidade ou correremos o risco da exclusão de pessoas e temas. A homogeneidade de uma *cultura no singular* evidencia a ausência do outro e o fortalecimento da unidade. Para ser plural, a cultura exige que se resista, que se trave incessantemente no cotidiano uma luta tensa, pois *o cotidiano está semeado de maravilhas, espuma tão fascinante, nos ritmos prolongados da língua e da história, quanto a dos escritores ou dos artistas* (de Certeau, *ibid.*: 245).

São as práticas cotidianas dos sujeitos, com suas diversas *maneiras de fazer*, seus variados *modos de proceder* que, organizando micro-subversões, alteram o compasso esperado (de Certeau, 1980). As resistências e mudanças, inclusive as transformações do senso comum passam pelas experiências vivenciadas no cotidiano por mulheres e homens comuns.

A gênese das transformações culturais, gestada na experiência cotidiana de sujeitos comuns, é fruto do inconformismo e da resistência desses sujeitos. Em longo prazo, tais transformações podem instituir sentidos comuns diversos, expressos por estruturas significativas no interior de discursos sociais. A análise e interpretação desses discursos oferecem a possibilidade de construirmos um mapa da resistência e da pluralidade cultural em momentos históricos determinados.

2 A identidade do sujeito feminino e o resgate de sua resistência: um fator cultural

As teorias críticas feministas de pesquisa das relações sociais de gênero definem-no como uma categoria relacional de análise das construções culturais que estabelecem relações sociais de dominação de um sexo sobre o outro. O termo **gênero**, assim definido, dá ênfase ao caráter sócio-histórico-cultural das distinções entre os sexos, construídas e perpetuadas com base no determinismo biológico. *Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social* (Scott, 1986: 88).

Desde a cultura greco-romana, a condição feminina é representada como passiva e inferior, tomando como parâmetro o padrão anatômico, fisiológico e psicológico masculino. Toda a carga histórica de valores e comportamentos diferenciados e discriminatórios entre homens e mulheres fundou o que se convencionou chamar **relações de gênero**, constituídas e perpetuadas social e economicamente e determinadas pela cultura e pela história.

Como um reflexo das relações sociais, o uso da linguagem também vai institucionalizar o que chamamos - por extensão às relações sociais de gênero - *discurso de gênero* que normatiza lingüisticamente a representação dessas relações sócio-culturais de dominação. Fairclough (1989) chama a atenção para a extensão do modo como a linguagem contribui para a manutenção do status quo por meio de um discurso do senso comum e para a maneira como esse discurso pode ser ideologicamente condicionado por relações de poder, sustentando posições de mando e de subordinação oriundas da imagem de superioridade ou inferioridade como “destino da natureza”.

As relações hierárquicas entre os sexos são estratégias de poder que, articuladas a partir do discurso, tentam encobrir as desigualdades, naturalizando-as. Produz-se um consenso e o que foi construído culturalmente é atribuído à natureza. Os paradigmas culturais de gênero, tanto quanto outros referenciais de diferenças – como raça e classe – estruturam toda a vida dos indivíduos, sejam mulheres ou homens, determinando seus discursos e suas condutas.

Inseridos no horizonte de um pensamento de esquerda, os movimentos feministas das décadas de 60, 70 e 80 conquistaram a palavra e desempenharam um papel fundamental, inscrevendo o feminino como uma categoria essencial para uma política de identificação cultural. O crescimento dos movimentos de liberação das mulheres na Europa e nas Américas, integrando os movimentos de reivindicação social em sua luta contínua por igualdade, cidadania e emancipação, coincidindo com a expansão da mão de obra feminina na economia pós-industrial, começou a modificar o panorama ocidental das relações sociais de gênero. Nesse sentido,

... as correntes feministas colocaram o problema do acesso das mulheres à posição de sujeito: sujeito político e sujeito crítico a um saber científico. Inscrição de um

pensamento utópico que se quer sujeito político e sujeito enunciatador da palavra.
(Machado, 1997: 102).

Os movimentos contestatórios são, primeiramente, conforme enfatiza de Certeau (1974), movimentos de negação: contradizem o instituído, o senso comum e alguns valores culturais. A negação do outro, que não se é, permite-lhes um gesto de identificação. Há sempre um desejo de querer existir, uma vontade de autonomia, que emerge da tomada de consciência da opressão. Seu objetivo será, então, *quebrar o círculo do cultural*, o que passa pela conquista da palavra, pelo encontro de um lugar onde seja possível situar-se e ter a capacidade de exprimir-se, ter uma representação cultural que estructure os significados e dê forma às experiências vividas.

Como a norma lingüística que padronizou o uso do masculino como categoria genérica, a cultura fundamentou o domínio público como instância histórica e universal - lugar natural de homens; e o privado, como instância particular, o lugar natural da realização feminina. E foi essa separação e oposição, sistematizada ainda no século XIX, entre uma cultura geral e o que seria uma cultura feminina, que deu origem à teoria social das duas esferas - pública e privada. A cultura ocidental inscreveu e deu voz à experiência masculina, pois universal e pública, enquanto a experiência feminina foi “guardada”, “protegida”, silenciada entre quatro paredes.

A partir da delimitação entre esses dois espaços, o público e o privado, as diferenças biológicas foram tomadas para explicar e manter desigualdades sociais e profissionais. Coutinho (1994) assinala que o espaço privado tornou-se o lugar onde, através do casamento e da família, foram criadas as condições para *as formas desiguais de apropriação do capital cultural, de acesso aos meios de qualificação profissional e aos centros de poder e controle social* (Coutinho, id.: 43).

A experiência cultural das sociedades, em nossa época, é cada vez mais moldada e “globalizada” pela transmissão e difusão das formas significativas, visuais e discursivas, via meios de comunicação de massa. Conquanto o desenvolvimento dos meios de comunicação tenha tornado absolutamente frágeis os limites que separavam o público do privado, assistindo-se hoje a uma nova tendência de politização e visibilidade do privado, com a estruturação de novas relações familiares, bem como à privatização do público; faz-se necessário frisar que o imaginário social acompanha lentamente essa evolução, nem sempre aceitando o rompimento dos costumes fortemente arraigados.

As técnicas publicitárias, entretanto, adaptando-se a todos os perfis, utilizam com maestria, conforme Eco (1968), tanto a sustentação quanto a subversão a um sistema de expectativas previsíveis. Resultado de contradições e ambivalências, a figura feminina é produzida na cultura de massas contemporânea como sujeito, no sentido de agente de práticas sociais, tanto quanto como objeto. O reflexo dessa ambivalência entre o moderno e o tradicional faz com que repercutam no meio social os estímulos a sugestões político-emancipacionistas, mas também os estereótipos ligados às visões mais tradicionais.

Como o imaginário acompanha (ainda que lentamente) a experiência vivida, as mulheres aprenderam a criticar a simbologia tradicional, que lhes era atribuída, conferindo-lhe novos sentidos. E, se tanto a imagem quanto a linguagem produzem significados que estruturam as nossas identidades, foi cultivando novas atitudes com o seu próprio corpo e com o mundo exterior, assim como ocupando novos espaços e posições sociais, que as mulheres construíram novas imagens de si, começando a transformar o imaginário tradicional.

3 Uma leitura das desigualdades no discurso publicitário

O funcionamento de um texto publicitário leva em conta dois registros, a saber, o registro visual e o verbal. Os dois registros são utilizados nas mais variadas formas,

podendo coincidir entre eles ou não, o que faz parte da estratégia publicitária do anunciante.

Com base em Thompson (1990), três aspectos devem ser considerados para uma análise das formas representativas nos meios de comunicação: o primeiro diz respeito às circunstâncias sócio-históricas específicas, e datadas temporalmente, em que se situam os processos de produção e transmissão das formas discursivas e visuais; o segundo relaciona-se com a construção do discurso, ou seja, os processos de estruturação e articulação interna dos elementos discursivos; e o terceiro aspecto tem a ver com os efeitos da recepção no interlocutor ou como acontece o processo de compreensão e interpretação das formas discursivas, integradas ao conjunto de uma propaganda, por exemplo, e sua conseqüente assimilação ao cotidiano. Nesse ponto, devemos lembrar que o processo de construção do sentido jamais é realizado sem tensão.

Bakhtin (1979) falava em compreensão responsiva ativa, como vimos acima, e de Certeau (1980) refere-se à resistência do sujeito por meio de uma politização das práticas cotidianas, tornando o processo de interpretação ativo e potencialmente crítico.

A preocupação que guiará nossa análise será a de mostrar como a estrutura significativa e os sentidos circulam no meio social, cruzando-se com relações de poder - como as de gênero - e como são veiculados pelas instituições da mídia, desencadeando tanto leituras que apontam para os estereótipos, quanto outras que os subvertem.

Analisaremos um texto de propaganda³ veiculado em jornais locais por ocasião do Dia das Mães. É um anúncio publicitário sobre uma marca de móveis para cozinha.

A publicidade enunciava:

(1) Não é só com filhos bem sucedidos que uma mãe pode ficar famosa.

Iniciando, no nível do intradiscurso, pelos operadores modais *não só*, sabemos, por Ducrot (1984), que um enunciado negativo como o descrito acima articula, por sua organização polifônica, uma polêmica entre dois sujeitos enunciadores, sendo que o primeiro afirmaria a exclusividade da fama, marcada pelo modalizador *só*, para mães de filhos bem sucedidos, enquanto o segundo faz uma concessão, abrindo outras possibilidades. O sujeito produtor desse enunciado identifica-se a esse segundo enunciador, contrapondo-se ao primeiro.

O enunciado, entretanto, fica em suspenso, pois falta a outra parte da oração que deveria ser introduzida por *mas também*, deixando a possibilidade da concessão silenciada.

Esse silêncio, todavia, produz sentidos por sua própria ausência. A interpretação do interdiscurso conduz a duas chances de significação: uma que levaria à consideração de uma mulher ser famosa por sua própria conta, por ter uma profissão que a faça ter luz própria. A oração poderia ser completada, por exemplo, com: *mas também por sua própria competência no campo profissional*, o que proporcionaria ao texto um sentido alternativo.

A outra possibilidade, que será a confirmada pelo anúncio, leva-nos ao senso comum, ou seja, ao que a propaganda de fato propõe: o sucesso na cozinha.

O julgamento de valor ideológico, que o sujeito desse anúncio publicitário faz, conduz ao tradicionalismo cultural que vê na cozinha o lugar natural e adequado às mulheres, não lhes deixando alternativas para a fama a não ser a obtida em função da família.

³ O texto do anúncio encontra-se em anexo no final do trabalho.

Tal conclusão contraria uma primeira possibilidade de negação de toda uma representação estereotipada da figura feminina que a opacidade do enunciado, auxiliada pelo emprego dos operadores modais, poderia antever. A memória discursiva atualiza um sentido coincidente com uma posição que preconiza a cozinha como um ambiente feminino.

De toda a maneira, sendo uma publicidade idealizada para o Dia das Mães, não fugiu à coerência do *status quo*.

4 Conclusão

A veiculação do discurso de gênero na publicidade contribui para a manutenção de papéis culturalmente estabelecidos que determinam os espaços e lugares sociais atribuídos e ocupados, discriminadamente, por homens e mulheres. Tais espaços separados contradizem com as conquistas femininas alcançadas principalmente nas últimas décadas.

Se o setor publicitário apresenta um reflexo do pensamento coletivo comum, então esse pensamento tende ao conservadorismo, representando o sujeito feminino como a figura materna, rainha-do-lar, com todas as implicações convencionais ligadas a esse papel; ou, sendo um sujeito emancipado, a mulher passa a ser representada como liberada sexualmente. A emancipação econômica e profissional é pouco ressaltada. Opções mais críticas, que relacionam a emancipação feminina às suas conquistas profissionais, existem, contudo ainda são exceções.

De toda a maneira, em qualquer que seja a forma de representação, a palavra desempenha papel fundamental e continua sendo o indicador mais sensível de todas as mudanças na sociedade (Bakhtin, 1929), mesmo que a palavra transformada apareça tão pouco na publicidade. É essa palavra que com certeza inscreve a resistência do sujeito feminino na cultura.

A história das mulheres nas últimas décadas prova que o sujeito feminino não se acomoda e pratica resistências, forjadas na experiência do cotidiano que nos marca e fortifica, bem como abre-nos novas direções e novos sentidos, constituindo-nos seres plurais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. (1963) *Problems of Dostoiensky's poetics*. 3. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- _____. (1979) *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, É. (1974) *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- CERTEAU, M. de (1974) *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- _____. (1980) *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1994.
- COUTINHO, M.L.R. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DUCROT, O. (1984) *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- ECO, H. (1968) *A estrutura ausente*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. Essex: Longmann, 1989.
- MACHADO, L. Z. Estudos de gênero: para além do jogo entre intelectuais e feministas. In: PÊCHEUX, M. (1983) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- _____. (1982) Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas. Ed. da UNICAMP, 1994.

- SCOTT, J. (1986) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: Ed.da UFRGS. V. 20, nº2, 1995. p. 71-99.
- THOMPSON, J. B. (1990) *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.